

## **Crenças e poder – do dever em não devir**

ALICE VALENTE ALVES

A vontade humana rege-se pelo dever obrigado a ser cumprido através do poder ajuizado em crenças racionais e sociais normativas, instituídas pelos construtores dos autoritários e utilitaristas poderes, numa forma tão coerciva quanto adversa à natural existência de se ser. Dever que é feito de um território que não pára de falhar consigo mesmo, alimentando-se assim de um insuportável, maldito e indesejável ser. Ser esse, que ao continuar a existir com medo de ser condenado e na fé expectante de ser recompensado, prosseguirá social e ordeiramente num desígnio de não-ser.

E é sempre no devir do desejo e não no dever da vontade que nos situamos enquanto seres com pensar e afectos. Sempre esquecido, é ainda no devir, único trajecto não omissos, por assumir uma inegável conduta e acção não institucional e a não carecer de códigos, leis ou regras impostas, para que os homens em sua Natureza e interioridade, consigam continuar a Criar e a antecipar em toda a sua extensão o que na margem ou na excepção se lhes tem afirmado antagónico.

**Palavras-chave:** Arte; Filosofia; Valores

---



**o pensar**

*à esquerda: n°37- «o pensar» /  
acrílico sobre tela / 81x130cm / 2005  
«CORPOtraçoCORPO – a poesia e a pintura»  
traço: Laranja-Lima*

Alice Valente Alves



**de que credo**

*à direita: n° 46 - «de que credo»  
acrílico sobre tela / 81x130cm / 2005  
«CORPOtraçoCORPO – a poesia e a pintura»  
traço: Laranja-Lima*

Alice Valente Alves

É comum à tradição da Filosofia que sempre por demasiado associada ao teológico e ao científico, comodamente fechar os olhos e deixar-se tornar irreduzível ao sensível e ao conceptual. E apesar da Filosofia se ter associado nas suas formalidades mais à Ciência do que à Artes é depois e sempre nas Artes que encontra a Razão e a Verdade fundamental para justificar a existência do Devir. E porque o Devir não precisa de retórica, mas sim de acção, é livre e gerador de acontecimentos de um nada inesperado por antecipado em prioridades, que embora indefinidas, advém com estatuto próprio e auto-regulador das universalidades.

Quando digo Artes, refiro-me à música, ao desenho, à pintura, à dança, dança coreográfica, às *performances*, à fotografia, à escultura, à poesia, ou seja, a todas as manifestas formas da Criação, do Artístico e do Acto Criativo.

A vontade em Kant subordina-se a uma legislação da qual ela própria é autora e ainda a relaciona com a dignidade humana, ou seja para Kant as emoções, os afectos e os sentimentos que são o que ele designa de inclinações não são tidos em consideração, excluindo-os completamente da razão.

Para Kant: *A vontade é uma faculdade de não escolher nada a não ser o que a razão, independentemente da inclinação, conhece como praticamente necessário...*

E porque o dever em Kant antecede toda a experiência e em que a razão determina a vontade à priori, arrogou-se assim a dar especial realce ao verbo obrigar, à obrigação e ao dever, acabando por tornar imperativo o abandonar a autenticidade de se Ser e a deixar o homem dividido entre o mundo sensível e o mundo inteligível.

Para Kant o homem só tem deveres para com o homem.

Pois mas a Arte, a Vida, a Terra, a Natureza, são feitas do sensível, de sensibilidades, de afectos, de sentimentos, do SENTIR!

O *Devir* é para os defensores do *Dever* o mesmo que de tidos de irracionalistas e dos portadores da razão, como de libertinagem se tratasse. Razão essa que jamais se poderá associar a um Dever que deve ao DEVIR. Devir que nos assiste não como de libertinagem se tratasse mas pelo que sabemos que virá por um pensar que nos assiste em Verdade e não por uma qualquer posse de crenças e poderes que limitam e confinam esse mesmo pensar.

E Fernando Gil no seu livro “CONVICÇÃO” sobre crença e Deus em si, afirma:

*«... dizer que Deus está para além do pensamento implica não poder pretender já que ele seja maior do que tudo o que se pode pensar, o que continua a ser um pensamento, compreendido pelo entendimento, e implica a fortiori (por mais forte razão), que não se possa demonstrar a sua existência por uma prova discursiva. O pensamento apreende a sobreeminência e a incomensurabilidade de Deus, as expressões “algo tal que nada maior se possa pensar” e “algo maior do que se pode pensar”, isto é, maior do que tudo que é susceptível de ser pensado, têm um conteúdo de sentido. Mas se Deus ultrapassa todo o pensamento, a cláusula de infinito – “nada maior” – volta-se contra si mesma. A incompreensibilidade de um Deus fechado ao pensamento desqualifica retrospectivamente qualquer prova da sua existência.»*

*«Convirá antes presumir que Deus é incomensurável com qualquer outra ideia de grandeza, tanto superlativa como comparativa. O incompreensível reflecte-se na prova, torna Deus definitivamente estranho ao pensamento.»*

(...)

*«A crença é uma disposição não discursiva... (...)*

*...A crença não requer prova, já que crer consiste em tender “para” o objecto da crença...*

*...A crença é este movimento de apoderação do ser que ela institui pelo próprio acto de crer...»*

(...)

*«... a posição de Deus e do soberano releva da crença num infinito encarnado. A expressão discursiva da vivência de infinito (“nada de maior”, dedução da soberania e da existência de Deus, e da vontade geral) procura justificar esta crença que escapa ao princípio da razão. A localização do infinito no singular não resulta de uma operação do intelecto, a existência de Deus é dada de antemão. O por si de Deus é a própria vida pela qual ele vive. Invocar a vida que faz viver Deus, para além do tempo e do pensamento, insufla sentido ao seu nome e curto-circuita as aporias da prova.»*

As crenças por poder ou o poder das actuais crenças em deveres obrigados a serem cumpridos a todo o custo geram mitos, entretenimentos, distrações e passatempos e tentam apanhar os desprevenidos e até os prevenidos a confundir tudo e todos com mentiras, falácias e sempre numa omissão para com a verdade.

O entretenimento faz esquecer a forma genuína de se pensar direccionado a um bem comum a todos. O entretenimento não provoca prazer, mas sim gozo, é uma forma de fazer esquecer ou diluir o pensamento no menor esforço possível. O entretenimento vem do colectivo para o singular, é uma apreciação em frases feitas do colectivo dirigida ao singular, fazendo por imergir o singular numa moda disponível a ser usada como sugestiva e conveniente pelo poder que comanda o colectivo. E o resultado de um pensamento singular e genuíno dirigido a um bem comum e ou ao colectivo, será efectivamente Cultura. O entretenimento estará inteiramente

ligado ao *dever*, e é o que fica do que não foi possível criar, é a repetição feita para um povo obrigado à igualitária forma de se acomodar como subjugado.

Mas é o povo com os seus artistas que fazem Cultura e não o entretenimento dos geradores de poderes e mitos que farão os artistas, a Arte, o Devir! A Cultura é pois o porvir do Devir.

O artista existe e jamais desaparecerá enquanto existirem sociedades e sociabilidades. O artista existe porque existe um povo. Um povo que carrega o peso de seus mandatários. E na mesma igualdade, ambos, povo e artista, advêm desse somatório de resistências ao intolerável, à fome, à miséria, ao sofrimento, à opressão e na condição do *Ser* em desejos de *Ser-se* humano.

E a não ser possível um povo gerir os seus afectos e a sua forma de se manifestar artisticamente é um povo sem futuro, é um povo ou uma sociedade suicida.

E o suicídio em suicidas é a morte anunciada e vindoura do colectivo sem singulares. É um suicídio colectivo sem precedentes, é uma morte ao alcance de todos, dos excluídos, tanto ricos como pobres, dos oprimidos, dos falhados, dos comprometidos. É que estamos neste momento a assistir a comportamentos sociais, familiares, institucionais, por tanto sofrimento já similar aos campos de concentração nazi. Existe uma realidade para os excluídos da face da Terra pelo Homem que instituiu tão monstruosas regras em **crenças e poder do dever em não devir**, que o *suicídio* será em breve a maior prova de coragem do ser, que não se suporta mais nestas condições de escravatura cativa. Essa compreensão para os de ditos fracos e ou excluídos em toda a extensão do humanitário por não aceitarem compactuar com tanto mal, infortúnio e dor, tornar-se-á em nossa contemporaneidade, o ponto mais forte da dita coragem da dignidade humana em **não-ser**.

E Lacan sobre o racismo numa entrevista à televisão :

*Questão: O senhor disse que o racismo tem futuro, porque é que o disse?*

*- Sim, digo-o porque isso não me parece cómico. No entanto não faço disso um grande rebuliço, apenas terminei o meu último seminário sobre esse tema. É melhor sabermos o que nos espera. Foi assim, em guisa de adeus que o disse no meu seminário, para que as pessoas sejam advertidas. A única coisa que seria interessante, é em que é que isso me parece não somente previsível, dado haver aí toda a espécie de sintomas, mas necessário. É necessário pelo extravio do nosso gozo. Sublinho assim, que só o Outro, só o Outro absoluto, o Outro radical situa esse gozo, e que o situa, justamente como sendo o Outro, o que quer dizer **que do Outro**, do outro lado do sexo, **estamos separados**. E a partir do momento em que estamos implicados nisto, existem fantasmas, fantasmas*

*completamente inéditos de que não se poderia falar de outro modo. É uma forma de dramatizar esse Outro, esse Outro que de qualquer forma existe, ou seja, se não existe relação sexual é porque o Outro é de uma outra raça. A não ser que a esse Outro lhe deixássemos o seu modo de gozo, mas a coisa está já decidida, só o poderíamos fazer se desde há muito não lhe tivéssemos imposto o nosso, só o poderíamos fazer se as coisas não estivessem num ponto em **que só o podemos tomar por um subdesenvolvido**, algo que não deixamos de fazer, naturalmente. Acrescenta-se a tudo isso, a precariedade do nosso modo pretensioso de gozo.*

*Foi o que acentuei, sobre a posição a que chamo, que designo como a de **mais-de-gozo**. Esse mais-de-gozo que se enuncia correntemente de mais-valia, é isso. Sobre essa base que mesmo assim nos especifica na relação com o gozo, especifica o nosso modo, e o **qual esperamos que se mantenha**, vem essa humanitarite de encomenda, que afinal só nos serviu para revestir os nossos abusos*

E por contrários a este fiel Dever em ideias lacanianas e freudianas em que futuro, Gilles Deleuze e José Gil, explicam-nos em suas obras, os percursos do consciente usado em simultâneo com o inconsciente. Ambos influenciados pelo grande filósofo dos afectos, Bento Espinosa.

José Gil no seu livro *Movimento Total* explica como se desenvolve o acto criativo na dança através de mapas e mapeamentos, tal como Deleuze, mas este para se insurgir contra a psicanálise, denunciando Freud e Lacan, por ignorarem, omitirem e desvalorizarem a importância do acto criativo.

Deleuze afirma no seu livro «Crítica e Clínica»:

*«A criança não pára de dizer aquilo que faz ou que tenta fazer: explorar os meios, por trajectos dinâmicos, e desenhar o mapa deles. Os mapas de trajectos são essenciais à actividade psíquica.*

*(...)*

*... Freud, como é seu hábito, reduz tudo ao pai-mãe: estranhamente, a exigência de explorar o imóvel parece-lhe um desejo de dormir com a mãe. É como se os pais tivessem lugares ou funções primeiras, independentes dos meios. Mas um meio é feito de qualidades, substâncias, potências e acontecimentos: por exemplo, a rua e as suas matérias como os pavimentos, os seus barulhos, como o pregão dos vendedores, os seus animais, como os cavalos atrelados, os seus dramas.*

*(...)*

*Os pais são eles próprios um meio que a criança percorre, no qual ela percorre as qualidades e as potências, e do qual desenha o mapa. Eles apenas tomam uma forma pessoal e parental como representantes de um meio num outro meio. Mas é erróneo fazer como se a criança estivesse em princípio, limitada a seus pais, e acesse a meios apenas a posteriori, e por extensão, por derivação. O pai e a mãe não são coordenadas de tudo aquilo que o inconsciente envolve.*

(...)

*O pequeno Richard é estudado por Melanie Klein (Melanie Klein, iniciou o curso de História da Arte. Em 1916 fez análise com um psicanalista húngaro, estimulada por ele em 1919 iniciou o atendimento de crianças, acaba por conhecer Freud e torna-se numa psicoterapeuta pós freudiana)... durante a guerra. Ele vive e pensa o mundo em forma de mapas. Ele colora-os, inverte-os, sobrepõe-os, povoa-os com os seus líderes, a Inglaterra, a Alemanha e Hitler. É próprio da libido habitar a história e a geografia, organizar formações de mundos e constelações de universos, deslocar os continentes, povoá-los com raças, tribos e nações. Qual o ser amado que não implica paisagens, continentes e populações mais ou menos conhecidas, mais ou menos imaginárias? Mas Melanie Klein, que no entanto tudo fez para determinar meios do inconsciente, do ponto de vista tanto de substâncias ou de qualidades como de acontecimentos, parece ignorar a actividade cartográfica do pequeno Richard. Ela vê apenas à posteriori, simples extensão de personagens parentais, o bom pai, a má mãe... Mais do que os adultos, as crianças resistem à pressão e à intoxicação psicanalíticas; Hans ou Richard, eles colocam aí todo o seu humor. Mas não podem resistir muito tempo. Eles devem arrumar os seus mapas sobre os quais não há mais do que fotografias amareladas do pai-mãe. “Sr<sup>a</sup>. Klein interpretou, interpretou, INTERPRETOU...”*

(...)

*Os mapas não devem ser compreendidos apenas em extensão, relativamente a um espaço constituído de trajectos. Existem também mapas de intensidade, de densidade, que dizem respeito àquilo que preenche o espaço, àquilo que sustenta o trajecto.*

(...)

*Uma lista de afectos ou constelação, um mapa intensivo, é **um devir**...*

(...)

*... a **psicanálise falha** sempre a relação do inconsciente com forças. A imagem não é apenas trajecto mas devir. O devir é o que sustenta o trajecto, como as forças intensivas sustentam as forças motrizes.*

(...)

*... um devir não é imaginário, mas mais que uma viagem real. É o devir que faz do mundo trajecto, ou mesmo de uma imobilidade no mesmo lugar uma viagem; e é o trajecto que faz do imaginário um devir. Os dois mapas, de trajectos e de afectos, remetem um para o outro.*

(...)

*Para a psicanálise, trata-se sempre do meu pai, de mim, do meu corpo. **É uma fúria de possessivo e de pessoal**, e a interpretação consiste em interpretar pessoas e possessões. “Uma criança é batida” deve significar “o meu pai bate-me” mesmo que esta transformação continue abstracta...*

(...)

*A arte também alcança este estado celeste que já não conserva nada de pessoal nem de racional. À sua maneira, a arte diz o que dizem as crianças. Ela é feita de trajectos e de devires, ela também faz mapas, extensivos e intensivos. Há sempre uma trajectória na obra de arte...*

(...)

*... os trajectos não são mais reais do que os devires são imaginários, existem na sua reunião algo de único que pertence apenas à arte. A arte define-se então como um processo impessoal onde a sua obra se compõe...*

*(...)*

*Um mapa de virtualidades, traçado pela arte, sobrepõe-se ao mapa real, cujo percurso dela transforma. Não é apenas a escultura, mas toda a obra de arte, também a obra musical, que implica estes caminhos ou encaminhamentos interiores: a escolha deste ou daquele caminho pode determinar em cada caso uma posição variável da obra no espaço.*

*Toda a obra implica uma pluralidade de trajectos, que não são legíveis e que apenas coexistem num mapa, e muda de sentido segundo aqueles que estão marcados. Esses trajectos interiorizados não são separáveis de devires. Trajectos e devires, a arte torna-os presentes uns nos outros...*

E sobre estes mapas e mapeamentos, José Gil refere no seu livro *Movimento Total* um exemplo de como se forma o acto criativo na dança:

*Steve Paxton, o coreógrafo e bailarino americano, escreve: “A consciência pode viajar no interior do corpo. É um facto análogo de dirigir o olhar, no mundo exterior. Há também uma consciência análoga à visão periférica, que é a consciência do corpo interior, mantendo-se os olhos abertos”.*

*Aparentemente, Steve Paxton faz recriar a relação consciência/interior do corpo sobre a relação consciência/mundo exterior, comparando a consciência do corpo à visão. O seu pensamento, sobre este ponto, parece hesitar porque noutro lugar afirma que o bailarino deve ter uma “consciência inconsciente” a fim de deixar o mais livres e espontâneos possíveis os movimentos corporais, o que uma consciência unicamente “consciente” e separada não poderia fazer.*

*Se a consciência pode viajar no interior do corpo, é com o fim de construir um mapa desse espaço interior. Não como um espelho que reflecte uma paisagem, mas como uma topografia dos trajectos e dos lugares da energia. Só esse mapa permite ao bailarino orientar os seus movimentos sem ter de os vigiar do exterior (como na aprendizagem ballet diante do espelho), como eles se orientassem por si próprios.*

*Assim o bailarino tem necessidade de ter mais do que uma consciência exterior do seu corpo; tem dele uma consciência “do interior”. O que é esta modalidade de consciência?*

*No artigo citado, Paxton descreve a maneira como descobriu e elaborou a técnica “Contacto-Improvisação” (CI). Um dos primeiros exercícios que propunha aos seus estudantes (quando andava ainda em busca do seu método) consistia em dizer-lhes, enquanto eles se mantinham de pé, imóveis: “Imaginem, mas sem o fazer, imaginem que estão a avançar um passo com o vosso pé esquerdo. Qual é a diferença, relativamente à situação anterior? Imaginem... (repetir). Imaginem que estão a avançar um passo do vosso pé direito. Com o vosso pé esquerdo. Direito. Parar”.*

*Paxton comenta assim a experiência: “Quando chegamos a este ponto, apareceriam por vezes pequenos sorrisos nos rostos das pessoas, o que me faz querer que tinham sentido o efeito. Tinham partido para dar um passeio imaginário, e tinham sentido o seu peso responder subtilmente (mas realmente) à imagem; assim, quando eu dizia: “Parar”, os sorrisos revelavam que tinham*



*compreendido a minha brincadeira. Davam-se conta de que eu conhecia o efeito. Tínhamos chegado a um lugar invisível (mas real)”.*

*Os termos “imagem”, “imaginação”, “imaginário” incomodam Steve Paxton que tende a recusá-los, chegando a afirmar que «as imagens eram consideradas como sendo, digamos, “reais”. Quer dizer não eram consideradas como sendo claramente irreais».*

*De onde vem o embaraço do coreógrafo? Do facto de os movimentos colarem às (e não serem apenas suscitadas pelas) imagens – ou antes: as imagens dos movimentos das pernas não são apenas representações mentais, mas comprometem o corpo real; os seus movimentos reais, embora microscópicos, são acompanhados de sensações de peso, de tensões, etc.*

*(...)*

*Não esquecer que o movimento dos corpos não é apenas físico: “Quando temos de lidar com áreas sensíveis [no contacto dos corpos] sejam elas quais forem, temos de dançar de maneira sensível (...) Não é apenas movimento aquilo a que respondemos. O movimento é uma superfície física cobrindo tempos inteiros de vida e experiências totalmente incognoscíveis”. É tudo isto que compõe os conteúdos inconscientes que se transmitem na osmose dos corpos.*

Cria-se assim uma comunicação em que o inconsciente do corpo se sobrepõe à consciência do corpo, é pois a consciência do corpo em si através de uma comunicação inconsciente do movimento (por osmose).

E é neste DEVIR ou acto criativo em que cada um se precipita à antecipação dos movimentos do outro, como se o outro ou o corpo do outro fosse o seu. Este processo de movimentos desenrola-se de um sentido do tempo, ou *timing*, é o lugar do momento da criação ou do acto criativo.

José Gil no seu livro *Movimento Total* também fala da atmosfera e das suas forças e corpos. A atmosfera é exterior e diz respeito à vontade e que por estar desligada dos corpos limita o consciente. Essas forças são potenciadas quando se reforçam mutuamente, as forças interiores ou do afecto ou do desejo com as forças exteriores da atmosfera ou da vontade.

Dei aqui o exemplo da Dança através na obra de José Gil, analogamente mas em outros processos, igualmente servirá para a música, para a escultura, para a pintura, para poesia a procurarem saber ou até a imaginarem como se processa o acto criativo em cada uma dessas áreas e poderão fazê-lo ao assistirem às diferentes áreas do artístico nas obras e em seus autores.

No *dever* nada se antecipa, corta-se relação com o corpo, com o ser e com a atmosfera, anula-se a capacidade criativa, distante dessa osmose do entendimento com o “outro” com os “outros”, com um outro psicanalítico perverso e que irá prosseguir continuamente adverso, redutor e destrutivo em si mesmo.

E Espinosa sobre o aumento e a diminuição de potência de agir nos afectos sobre as paixões alegres ou tristes desvela no Tratado Teológico-Político, a maquinação daqueles que têm interesse em nos afectar com paixões tristes. O sacerdote precisa da tristeza dos seus crentes, ele precisa que os seus súbditos se sintam culpados e dependentes. Incutir paixões tristes é fundamental para o exercício do poder e para todas as pessoas que têm o poder, não importa em que domínio.

Espinosa sugere que ao invés de se enunciar tristezas que se tornam sempre geradoras de depressões neuroses e doenças, tomar uma alegria como referencia e usá-la sempre e em toda a sua extensão, essas mesmas tristezas diminuirão face à medida da alegria que foi potenciada. Para Espinosa a **razão é uma questão de devir**, conceito contrário à ideia de Razão dos racionalistas. Na Ética de Espinosa sobre a moral ele não faz uma moral, porque ele não impõe o «devemos de fazer» e sim «de que é que somos capazes de fazer». A Ética de Espinosa é uma matéria da potência do Devir e não do Dever.

Sendo o devir sempre uma obrigação contrária ao dever, não se rege, nem se deixa comandar por leis impostas pelo Homem, o Devir é o catalizador da motivação existencial e é orientado por leis interiores bem definidas corporalmente. Quando digo corporalmente, tal como fez Bento Espinosa, englobo o corpo não o dissociando da alma e do pensamento em sua Natureza de Ser. O devir diz sempre e unicamente respeito à projecção do pensamento numa saudade em futuro, ou seja, **o Devir é sempre um devir-artístico-filosófico**.

Finalizo afirmando que, embora exista uma Estética como ciência onde a Arte se insere, necessitamos urgentemente de uma ciência ligada às Artes e aos afectos, à sensibilidade humana no Devir, em suma carecemos de uma ciência psicológica da Natureza/CORPO com o CORPO/Ser em DEVIR, presente em todas as manifestações do acto criativo e na preservação da Natureza, a criar equilíbrio ou a fazer contraponto ao psicologicamente correcto do DEVER presente nas ideias, conceitos ou ciências psicanalistas, teológicas, políticas, economicistas e mercantilistas e, que a serem tidas como únicas e obrigatórias a serem consideradas como prioritárias, impossibilitarão todo e qualquer espaço de liberdade para o Pensamento em criatividade. Assim o nosso corpo ao distanciar-se da sua natureza e a cumprir deveres e não devires, apresenta-se em sua caminhada para um caos. E converte-nos para a inevitável e conseqüente destruição do ser em sua Natureza.



FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Anfiteatro Nobre

22 Março 2007 - quinta-feira - 9h00 às 20h30

23 Março 2007 - sexta-feira - 9h00 às 20h00

## 11<sup>a</sup> MESA-REDONDA DE PRIMAVERA

*Crenças, Religiões e Poderes: dos Indivíduos às Sociabilidades*

